

Maria Filomena Mónica

# OS POBRES

a esfera  dos livros

# ÍNDICE

Prefácio . . . . .	11
1. Um itinerário biográfico . . . . .	15
2. Os anos 1960 e a Revolução de 1974 . . . . .	31
3. O caso inglês. . . . .	47
4. Artesãos, Operários e Proletários. . . . .	59
5. De quem são os pobres? . . . . .	91
6. A República . . . . .	111
7. O Estado Novo. . . . .	125
8. Os pobres na Literatura e nas Artes . . . . .	153
9. A pobreza, hoje. . . . .	183

«Se a miséria dos pobres for causada não pelas leis da Natureza mas pelas nossas instituições, grande é o nosso pecado.»

CHARLES DARWIN, *The Voyage of the Beagle*, 1839.

## PREFÁCIO

Nunca passei fome. Os meus filhos nunca passaram fome. Os meus netos nunca passaram fome. Mas, em Portugal, ainda há pessoas que sofrem por não ter o que comer. São elas que me levaram a escrever este livro. Como disse Samuel Johnson em 1770: «Uma adequada protecção dos pobres é o verdadeiro teste de uma civilização.»<sup>1</sup> Este livro não é tanto sobre os pobres, embora eles dele façam parte, mas sobre a percepção que as elites tiveram e têm da pobreza. A fim de melhor compreender a atitude dos meus antepassados e a dos meus contemporâneos, li várias obras sobre o que, a este respeito, acontecera em Inglaterra, nos EUA, em França e na Alemanha.

Durante a vaga de calor de Agosto de 2016, após mais uma leitura do que escrevera, decidi que o livro estava pronto. A velocidade a que o redigi deve-se não só ao facto de o tema me ter acompanhado desde a juventude, mas a uma doença que, a não ser em certos dias, me impede de sair de casa. A clausura fez-me descobrir o prazer das pequenas coisas: as séries televisivas que o António encomendava na Amazon para vermos ao serão, as fotografias que a minha neta Rita me enviava de Heidelberg,

---

<sup>1</sup> Citado em James Boswell, *The Life of Samuel Johnson*, 1791.

as conversas com a minha neta Joana às quintas-feiras, os jogos infantis com o meu neto Miguel, os requieijões que a minha filha Sofia me trazia, os CD malucos que o meu filho Filipe me oferecia e a beleza do jardim em frente do local onde trabalho.

Tendo vivido em dezenas de casas, de repente descobri a importância de ter um lugar onde, contra ventos e marés, podia regressar. Se é verdade que a minha energia diminuiu, o consolo que a música, especialmente a de Schubert, me dá é mais forte do que nunca. Há alguns anos, ouvi o pianista Cláudio Arrau tocar na Fundação Gulbenkian. Não me lembro de que peças interpretou, mas sei que me pôs à beira das lágrimas. Numa entrevista datada de 1990, quando tinha já 87 anos, eis o que disse: «As pessoas julgam que, à medida que envelhecemos, nos tornamos mais ternos e prudentes, quando o que se passa é exactamente o contrário. O amor pela vida torna-se mais forte. Quem tiver vivido a sua vida intensamente, consegue ter ainda mais intensidade na velhice. Agora, já não tenho de lutar contra as ansiedades, os perigos e os azares de um jovem pianista.» Eu precisava de ouvir isto.

Um livro, escrito nas condições em que este o foi, carece da ajuda de muitas pessoas. Aqui ficam os nomes de quem leu o manuscrito pela ordem – os intelectuais têm a pele fina – em que me foram entregando as suas sugestões: António Barreto, que, ao longo dos anos, me tem vindo a explicar a importância dos números na análise social; Rui Ramos, que me assegurou que, na Primavera, estaríamos a conversar sobre o meu novo livro no restaurante onde nos habituámos a ir; Mónica Leal da Silva, uma amiga, que comentou o manuscrito com a inteligência que a caracteriza; Fátima Bonifácio, que, além de me ter apresentado Juan Donoso Cortés, comigo discutiu, em longas chamadas telefónicas, tudo e mais alguma coisa; António Araújo, que me fez repensar algumas partes do texto; Jorge Almeida Fernandes, que, além de ter comentado o que escrevi, me reconfortou; José Manuel Fernandes, que me sugeriu várias coisas, embora

eu as não tenha percebido na totalidade, uma vez que me chegavam pela via horrível do telemóvel do seu carro; António Ramalho, que me chamou a atenção para algumas frases infelizes; e António-Pedro Vasconcelos, que interrompeu o trabalho que estava a fazer com o seu argumentista para me ler. Por estranho que pareça, sempre olhei os meus filhos como crianças, pelo que nunca me passou pela cabeça pedir-lhes a opinião sobre o que andava a escrever. Só agora, quando ambos têm mais de cinquenta anos, os considerei aptos para me criticarem. A ambos, à Sofia e ao Filipe, agradeço as críticas e as sugestões. Agradecimentos são ainda devidos à Ângela Camila Castelo-Branco pelo tratamento da fotografia da capa e ao António pela sua cedência. O Francisco Camacho estimulou-me a transformar em livro o que eu tinha imaginado como um ensaio e o Vasco Grácio reviu, com rara competência, a minha prosa.

Quero ainda deixar registada a amizade do André Gonçalves Pereira, da Maria Amélia Albuquerque, do Marcelo Rebelo de Sousa, da Maria José Vaz Pinto, do Paulo Silveira e Sousa, do Jaime Reis, da Fátima Patriarca, da Teresa Schmidt, do Artur Santos Silva, do Luís Soveral, do Henrique Medina Carreira, da Bárbara Miguel, do Lourenço Correia de Matos, da Rosarinho e do Manuel Braga da Cruz, da Rita e do José Miguel Sardica, bem como o apoio dos meus irmãos, em particular o da Isabel, tão próxima e tão diferente de mim. Ainda dentro do círculo familiar, não posso deixar de referir a minha prima Ana, a Gabriela, a Ana Maria e o Fernando Barreto, e a Isabel e o Duarte Pinto-Coelho.

A quem, como eu, se gabava de não precisar de ninguém, não foi fácil habituar-me à condição de doente oncológica (a enfermeira Joana não gosta que use este termo, mas, por uma vez, desobedeço-lhe). Sei agora o que é precisar de alguém, como sei o que é o amor. Foi o António quem me ensinou. Hesitei em citar o nome dos médicos que me têm tratado, até que decidi que nada me impedia de o fazer. É justo que mencione, em primeiro lugar,

o Dr. Faustino Ferreira, que diagnosticou o meu cancro, tendo o cuidado de, ao dar-me a notícia, não me alarmar. Foi ainda ele quem me encaminhou para os oncologistas que me acompanharam e que me explicou que podia recorrer à ADSE, instituição para a qual, embora renitentemente, descontara ao longo de quarenta anos.

É possível que não seja uma doente fácil, pelo que agradeço ao Dr. João Paulo Fernandes e ao Dr. Joaquim Gouveia não só a sua competência mas a sua paciência. Não gostei de ter de suportar transfusões, quimioterapia e injeções, mas a situação teria sido pior sem a competência da equipa do Hospital de Dia da Cuf-Descobertas. Tenho de destacar o profissionalismo da enfermeira Joana Alves, que sempre me acompanhou com o seu sorriso de menina, e, na sua ausência, o enfermeiro Paulo Gomes e a enfermeira Anabela Lobo, ambos de uma simpatia inexcelsável. Das pessoas que me ajudaram em casa quero referir Isabel Maria dos Santos Soares, a minha «empregada-secretária», Joaquina Delgado, a única pessoa capaz de me retirar a ansiedade da alma, e Cristina dos Santos, a fisioterapeuta mais inteligente do Universo.

Nunca louvarei demais o serviço informático Outlook, que me permitiu «conversar» com os meus amigos, quer os que vivem no estrangeiro, quer os que residem em Portugal. Quero lembrar o Gabriel Gorodetsky, a Alice Whol, a María Jesús González, a Bárbara Miguel e a Maria José Vaz Pinto. Pouco a pouco, os *mails* tornaram-se no cordão umbilical que me liga ao mundo. Alguns amigos e familiares criticaram-me por não receber visitas, mas foi esta a maneira que encontrei para manter a minha saúde física e mental. Acima de tudo, precisava de silêncio.

1

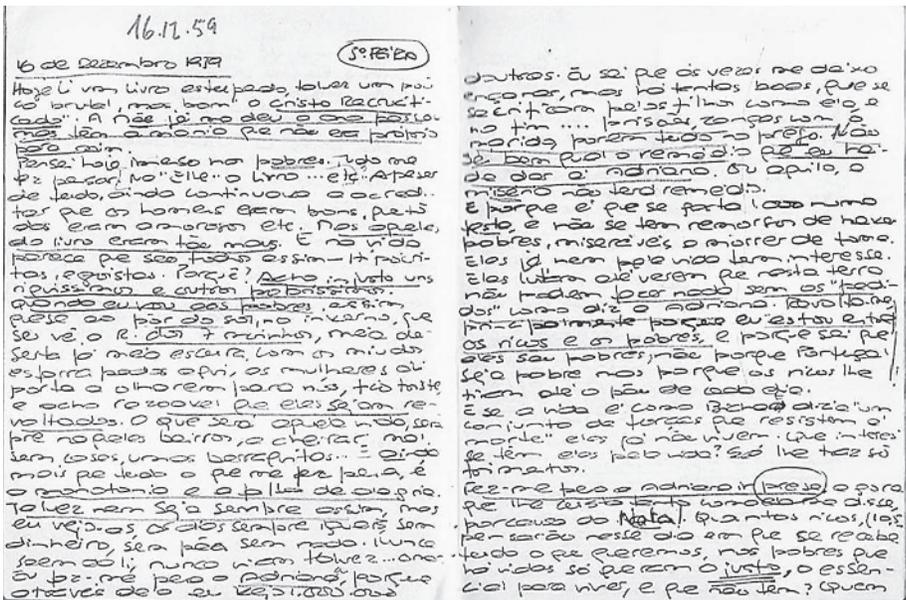
# Um itinerário biográfico

Há tempos, uma adolescente em crise veio falar comigo. Disse-me que sabia que a minha juventude fora uma sucessão de tempestades e que, portanto, talvez a pudesse ajudar. A meio da conversa, fui buscar o diário que redigira entre os meus 14 e 16 anos, a fim de lhe mostrar quão difícil era passar da infância para a vida adulta. Não tardei a encontrar o livrinho encarnado, ostentando na capa, a letras doiradas, «O Meu Diário». A fechadura ainda estava intacta, mas a chavinha há muito que desaparecera, pois eu descobrira que, nas minhas costas, a minha mãe o lia, o que, após ter registado os acontecimentos do dia, me fez usar fita-cola para selar todas as páginas.

Só depois de a miúda sair de minha casa me pus a folhear aquilo que há tantos anos escrevera. Parei no relato de uma ida, na companhia de meia dúzia de colegas e de duas freiras, a um bairro de lata. O tom é demasiado ingénuo, mas, educada como fui, não é de admirar. Eis o que registei em 16 de Dezembro de 1959 e que transcrevo quase sem mudar uma vírgula: «*Pensei hoje imenso nos pobres. Tudo me faz pesar. Apesar de tudo, ainda continuava a acreditar que os homens eram bons, que todos eram amorosos, etc. Mas aqueles do livro eram tão maus*<sup>1</sup>. E na vida

---

<sup>1</sup> Nessa altura, andava a ler a obra *Le Christ Recrucifié*, de Nikos Kazantzakis (1883-1957) oferecida pela minha mãe. Ela viria a retirar-me o livro por ter ficado



parece que são todos assim, hipócritas e egoístas. Porquê? Acho injusto uns riquíssimos e outros pobríssimos. Quando eu vou aos pobres, quase ao pôr-do-sol, no Inverno, a Rua dos Sete Moinhos<sup>2</sup> está meia deserta, já meia escura, com os miúdos esfarrapados, as mulheres ali à porta, a olharem para nós, fico triste e acho razoável que eles sejam uns revoltados. O que será aquela vida, sempre naqueles bairros, a cheirar mal, sem casas, apenas umas barraquitas. Mais do que tudo faz-me pena a monotonia e a falta de alegria. Talvez não seja sempre assim, mas eu vejo os dias sempre iguais, sem dinheiro, sem pães, sem nada. Nunca saem dali, talvez nunca tenham visto o mar. Faz-me pena a Adriana<sup>3</sup>, porque através dela eu vejo 1.000.000 de outras. Eu sei que às vezes me

assustada com o meu entusiasmo ou por se ter informado sobre a carreira político-religiosa do autor. No meu livro *Bilhete de Identidade*, aparece uma fotografia minha a ler esta obra; ver *Bilhete de Identidade*, Lisboa, Alêtheia, 2005.

<sup>2</sup> No morro situado um pouco à frente do Liceu Francês.

<sup>3</sup> As freiras tinham atribuído uma família pobre a cada uma das alunas: no meu caso, fora a da Adriana.